

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA

ROSANA BERTACHI

A CRUZ NA PERSPECTIVA DA TRINDADE

SÃO PAULO
2017

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA**

ROSANA BERTACHI

A CRUZ NA PERSPECTIVA DA TRINDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade Nossa Senhora da Assunção da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para a obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do Prof. Dr. Pe. Donizete José Xavier.

SÃO PAULO

2017

FOLHA DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA

Orientador:

Avaliador:

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pela vida e por seu amor misericordioso, um amor trinitário.

Ao Professor Pe. Donizete José Xavier, por me acompanhar, me orientar e fazer as devidas correções ao longo desta pesquisa.

A minha Congregação Religiosa Passionista pelo apoio, incentivo e principalmente por oportunizar este tempo de aprofundamento.

A todos aqueles que diretamente ou indiretamente contribuíram na realização desse trabalho.

RESUMO

Este trabalho apresenta o tema da cruz de Cristo como um evento trinitário, sua significação para a humanidade e as implicações da reflexão da Trindade no contexto teológico. A cruz de Cristo é compreendida como teologia da Trindade, isto é, há uma relação, uma unidade entre o Cristo Crucificado e a Trindade. A cruz é a revelação e a manifestação do amor de Deus. Deus é amor e porque ele é amor, gera e doa-se ao outro por amor. Ao dizer que Deus é amor, compreende-se que só existe amor quando há uma relação, quando existe um outro. O nosso Deus é aquele que se identifica com os sofredores e é solidário com as dores e os dramas vivenciados pelos seres humanos. E nós, somos convidados a nos solidarizar e nos comprometer com os crucificados de nosso tempo, a revelar o mistério do amor divino, sendo um sinal de esperança e de boa nova do Reino.

Palavras chaves: Cruz, Trindade, Paixão, Crucificado, Amor.

ABSTRACT

This work presents the theme of the cross of Christ as a Trinitarian event, your meaning for mankind and the implications of the reflection of the Trinity in theological context. The cross of Christ is understood as Trinitarian theology, that is, there is a relationship, a unity of the crucified Christ and the Trinity. The cross is the revelation and manifestation of the love of God. God is love and because he is love, raises and donates to another for love. To say that God is love, it is understandable that there is only love when there is a relationship, when there is another. Our God is one who identifies with the suffering and is sympathetic to the pain and the tragedies experienced by human beings. And we, we are invited to support us and compromise with the crucified of our time, to reveal the mystery of divine love, being a sign of hope and good news of the Kingdom.

Key words: Cross, Trinity, Passion, Crucifixion, Love.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I – A CRUZ DE JESUS	9
1. O significado da cruz	9
2. A Cruz: Sabedoria, loucura e escândalo de Deus	11
3. A Cruz: símbolo de contradição	14
4. A Cruz e a Trindade na ótica dos Padres da Igreja	16
CAPÍTULO II – A CRUZ COMO SINAL E REVELAÇÃO DA TRINDADE	19
1. O Deus que se revela na cruz	19
2. O evento da cruz: um evento trinitário	22
3. O Amor revelado na Cruz	26
CAPÍTULO III – A SOLIDARIEDADE DE DEUS COM A HUMANIDADE	31
1. Deus se identifica com os sofredores e sofre a nossa dor	31
2. A humanidade e a Cruz de Jesus	33
3. As cruzes de hoje	36
CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

INTRODUÇÃO

Pensando na cruz e na sua significação na história da salvação, surge o desejo de refletir e compreender o seu sentido hoje, considerando o sofrimento da humanidade e as implicações da reflexão da Trindade no contexto teológico.

A compreensão da cruz na história da salvação nos leva a pensar o seu significado para a nossa sociedade e também para a teologia. Nela se revela, como expressa Paul Evdokimov, o *Manikós Eros* de Deus. Na experiência do amor de Deus, expresso na cruz, o homem se conscientiza de seu significado para Deus. E é nesse amor que compreendemos que Deus estava com seu Filho, sofre com Ele, o que nos permite dizer que teologicamente, Deus está junto conosco nos dramas experimentados, permanecendo ao nosso lado em plena solidariedade.

O primeiro capítulo, deste trabalho, apresenta a Cruz de Jesus, destacando o seu significado não somente para os cristãos, mas para outros povos. Outro aspecto relatado é a cruz como sabedoria, loucura e escândalo de Deus, como afirma o Apóstolo Paulo. Neste aspecto, trabalha-se a carta de Paulo aos Coríntios, onde, na comunidade, os cristãos que eram provindos da cultura grega endeusavam a sabedoria e os provindos do judaísmo esperavam milagres. Em ambas as culturas há uma dificuldade em aceitar um Deus que seja Crucificado, pois era conceber e aceitar um Deus impotente.

A cruz também é sinal de contradição, pois ao mesmo tempo em que é símbolo de fé pode ser utilizada como um amuleto, ou um ato de violência e tortura apenas. Mas enquanto um símbolo cristão, ela nos aponta para a direção de Deus e aos que estão fora da realidade social, os excluídos e marginalizados. Também destaca o pensamento dos Padres da Igreja em relação à cruz e a doutrina da Trindade, onde está pressupõe uma cristologia trinitária, pois se faz necessário para o conhecimento e o conceito de Deus.

No segundo capítulo se desenvolve o tema da cruz como sinal e revelação da Trindade partindo do contexto em que viveu Jesus. Percebendo que Ele assumiu a nossa condição humana, interagindo e interpelando a realidade em que vivia. Jesus não anunciava a si mesmo, mas apresentava o Pai e o seu reino. Ele anunciava, principalmente para aqueles que estavam fora ou a margem da sociedade de seu tempo e para estes era uma mensagem de esperança, uma boa notícia. Ele se

colocou ao lado e em defesa da vida assumindo o desígnio amoroso de Deus. Conseqüentemente é perseguido e condenado. Segundo Forte, o Pai participa da dor do Filho, ele o doa para o mundo, por isso o Filho diz, “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46). O Filho morre em sua humanidade e é separado do Pai, daí seu grito na cruz: “Deus meu, Deus meu por que me abandonaste?” (Mc 15,34) Porém, o Espírito Santo os une nesta relação de amor. Na cruz percebe-se a relação do Pai, do Filho e do Espírito Santo, é uma relação de amor trinitário. Todos participam de alguma forma. Há uma manifestação de unidade e, portanto, é um evento trinitário.

No terceiro capítulo, parte-se da concepção de que Deus se identifica com os sofredores e assumi a nossa dor. Ele se identifica com a nossa dor porque é misericordioso, porque é amor. Deus está envolvido na história da humanidade, na história da Paixão de Cristo. Ele participa da dor da humanidade e sofre com ela. Mas nós também participamos com Cristo quando associamos a nossa dor com a sua paixão. A cruz é apresentada como esperança para um mundo marcado por tantos rostos que ainda hoje são excluídos e marginalizados. A cruz, quando levada a sério, nos orienta segundo os critérios evangélicos e nos torna instrumentos de solidariedade e promotores da vida.

CAPÍTULO I: A CRUZ DE JESUS

1. O significado da cruz

Quando falamos no significado da cruz devemos trazer a mente que ela é um símbolo muito antigo. Antes mesmo de ser um símbolo para os cristãos ela já era conhecida e importante para a antiguidade. A cruz “é um símbolo universal já conhecido bem antes do acontecimento da paixão de Jesus”.¹

Para Anselm Grun, a cruz é um sinal de salvação, “independente da morte de Jesus na Cruz, ela já é um sinal de salvação, um sinal que nos indica a verdadeira vida, que deseja nos mostrar como a vida humana pode dar certo”.² Neste sentido, vamos encontrar, antes do cristianismo, algumas imagens da cruz. Na cultura egípcia antiga, por exemplo, existia a cruz alçada ou egípcia que era símbolo da imortalidade e da vida eterna. Outra imagem da cruz que era muito difundida era a cruz de roda, considerada uma imagem de disco solar. Algumas cidades eram construídas seguindo este modelo, sendo chamadas cidades de quatro partes ou quadrada. Também na Índia, encontramos a cruz suástica ou gamada, que representa a busca pela felicidade, salvação, boa sorte ou condutora do bem estar. Na América Latina encontramos a cruz em forma de X, que é conhecida na Europa como a cruz de Santo André que simboliza humildade, dor e sofrimento.

Para Israel o “T” é a mais simples de todas as cruzes. Pela tradição, ela representa o sinal de sangue do cordeiro, usada sobre as portas dos israelitas na noite da Páscoa. Era um sinal de salvação e proteção. “Tomarão do seu sangue e pô-lo-ão sobre os dois marcos e a travessa da porta” (Ex 12,7) e ainda “o sangue, porém, será para vós um sinal nas casas em que estiverdes: quando eu vir o sangue, passarei adiante e não haverá entre vós o flagelo destruidor, quando eu ferir a terra do Egito” (Ex 12,13). No deserto Moises constrói uma haste para salvar aqueles que eram picados pela serpente, assim quem fosse picado e olhasse para a haste seria curado. “Faze uma serpente abrasadora e coloca-a em uma haste. Todo aquele que for mordido e a contemplar viverá” (Nm 21,8). Em Ezequiel também vemos um sinal de proteção: “Percorre a cidade, a saber, Jerusalém, e assinala com

¹ FRANÇA, Ágda. *A cruz em Paulo: um sentido para o sofrimento*. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 41.

² GRUN, Anselm. *A cruz: a imagem do ser humano redimido*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 11.

um sinal a testa dos homens que gemem e choram por causa de todas as abominações que se fazem no meio dela” (Ez 9,4).

“Portanto, em todos os círculos culturais, a cruz é um símbolo cósmico e um símbolo da benção que as divindades dão ao ser humano, um símbolo de vida e felicidade”.³

Para o império romano a cruz era um instrumento de morte, onde eram condenados aqueles que eram contrários ao império, ou seja, os rebeldes e traidores.

No império romano, a pena da crucificação estava geralmente reservada para pessoas escravas e libertas. Na Palestina, porém, a crucificação era a pena típica para as pessoas revoltosas. Nunca se crucificavam cidadãos romanos. Isto mostra que os romanos consideravam Jesus um agitador político. Condenar a morte na cruz era direito exclusivo do governador romano.⁴

Para a concepção de um israelita, “um homem que fosse pendurado no madeiro era banido de seu povo, amaldiçoado pelo Deus da Lei e excluído da aliança da vida”.⁵ Era considerado um maldito perdendo sua comunhão com Deus. “O que for suspenso é um maldito de Deus” (Dt 21,23).

Segundo França, “a cruz, ganha com o tempo um significado capaz de recordar a morte de um inocente. Olhar para a cruz remete o nosso pensamento a Jesus Crucificado”⁶. A mesma autora destaca ainda que:

O gesto de traçar a cruz sobre o corpo humano é um sinal que revela a identidade de ser cristão. Este sinal desperta o seu sentido simbólico, pois não se trata unicamente de uma experiência comprovável ou de um gesto visível, mas revela um significado profundo que não conseguimos expressar totalmente. Por mais que sejam usadas palavras, gestos ou outra forma de explicação do que isso significa para o cristão, ficamos sempre devedores, pois o símbolo não se explica, mas nos motiva a experiências inauditas ou que não conseguimos expressar no seu todo⁷.

Assim a cruz torna-se um sinal que mantém explícito o seu significado, mesmo entre as mudanças que ocorrem com o tempo na humanidade, ou seja, as transformações que passa a nossa sociedade.

³ GRUN, Anselm. *A cruz: a imagem do ser humano redimido*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 11.

⁴ Ibidem, p. 13

⁵ MOLTSMANN, Jurgen. *O Deus Crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2011. p. 53.

⁶ FRANÇA, Ágda. *A cruz em Paulo: um sentido para o sofrimento*. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 41.

⁷ Ibidem, p. 42

2. A Cruz: sabedoria, loucura e escândalo de Deus

Ao tratarmos da cruz como sabedoria é preciso olhar para a comunidade de Corinto. Nesta comunidade, os membros que provinham de origem grega permaneciam ligados à sabedoria grega, enquanto que os judeus continuavam reivindicando a interferência milagrosa de Deus. Ou seja, os gregos continuavam endeusando a sabedoria, e os judeus esperando milagres. A comunidade não conseguia se libertar de suas culturas anteriores ou originárias e é neste sentido que Körner vai afirmar que “contra o saber endeusado e a exigência de milagres, Paulo coloca a pregação da cruz de Cristo”⁸. O mesmo autor coloca que o Apóstolo Paulo, na sua argumentação, diz que “a cruz de Cristo é loucura para os sábios gregos e para os escribas; para os pregadores populares da religião da Lei dos judeus, ela é um escândalo. Ambos, gregos e judeus, afirmam que um Deus não pode ser crucificado”⁹.

Paulo diz nas cartas aos Coríntios, que a cruz é loucura: “A linguagem da cruz é loucura para aqueles que se perdem, mas para aqueles que se salvam, para nós é poder de Deus” (1Cor 1,18). Ele ainda acrescenta que não é só loucura, mas também escândalo:

Os judeus pedem sinais, e os gregos andam em busca de sabedoria; nós, porém, anunciamos a Cristo Crucificado, que para os judeus, é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens (1Cor 1,22-25).

A comunidade de Corinto acreditava que a sabedoria era conferida a pessoas com muitas qualidades, diferentes de todos, com dons especiais, quase um deus. Segundo Bortolini, Paulo não entendia a sabedoria desta forma, para ele: “a sabedoria é o sentido da vida que Deus pôs em toda criação”¹⁰, isto é, todos tem acesso a sabedoria, principalmente os excluídos, os mais pobres e marginalizados. É Deus quem concede a sabedoria. Para Paulo, Deus altera os nossos projetos e

⁸ KÖRNER, Konrad. *A loucura e o escândalo da cruz de Cristo na religião atual*. Revista de Cultura Teológica, São Paulo: v.15, n.58, p.33, jan/mar 2007.

⁹ Ibidem, p.34

¹⁰ BORTOLINI, José. *Como ler a primeira carta aos Coríntios: superar os conflitos em comunidade*. São Paulo: Paulus, 1992.p.25.

com isso ele quer dizer à comunidade que somos limitados e não conseguimos pelos nossos próprios méritos chegar à salvação.

Em suas cartas, Paulo destaca que o homem não pode salvar a si mesmo. As obras que realizamos não garantem a nossa salvação. Segundo Körner, “essa incapacidade não vem, em primeiro lugar, do pecado, mas da condição de o homem ser um ente criado”¹¹. Para Paulo, a salvação é dom gratuito de Deus. A iniciativa de salvação do ser humano é exclusiva gratuidade de Deus. E esta iniciativa de Deus, ainda segundo Körner, não é determinada pelo pecado, mas pelo “amor de Deus em relação ao homem e a toda a sua criatura”¹². Portanto, para Paulo, a cruz “é a manifestação do amor incondicional de Deus”¹³. É somente Deus quem salva e Ele conhece as necessidades humana.

Bortolini destaca, em sua reflexão que:

Os judeus andavam a procura de um Deus que realizasse sinais extraordinários, sem se dar conta de que o mais extraordinário sinal da presença de Deus na vida do povo é justamente a encarnação de Jesus em todas as realidades humanas, sobretudo nas situações de sofrimento e marginalidade. Os gregos buscavam a sabedoria como meio para alcançar Deus. Para eles, Deus não se dá a conhecer aos pobres e sofredores¹⁴.

Paulo anunciava que Jesus era o Messias que foi crucificado e ressuscitou. Isto era inconcebível para um judeu, um escândalo, pois para eles era conceber um Messias fraco e que se faz fraco no meio dos mais fracos. E o que tem de extraordinário nisso? Falar de um Messias crucificado, pois ser crucificado era ser um maldito, um amaldiçoado por Deus. Para os gregos era uma afronta a sabedoria, pois era loucura encontrá-la no meio dos excluídos da sociedade. A estes, Deus não se revela e nem se dá a conhecer. Como podem ser sábios?

Barreiro acrescenta, que para a cultura grega, “Deus era pensado como imutável”¹⁵, isto é, não havia possibilidade de mudança, como podia este Deus se encarnar e morrer por amor? Eles não conseguiam entender este mistério. Como

¹¹ KÖRNER, Konrad. *A loucura e o escândalo da cruz de Cristo na religião atual*. Revista de Cultura Teológica, São Paulo: v.15, n.58, p.38, jan/mar 2007.

¹² Ibidem, p.38

¹³ Ibidem, p.39

¹⁴ BORTOLINI, José. *Como ler a primeira carta aos Coríntios: superar os conflitos em comunidade*. São Paulo: Paulus, 1992.p.26.

¹⁵ BARREIRO, Álvaro. *A paixão de Jesus Cristo: escândalo, loucura ou revelação do amor de Deus?* São Paulo: Loyola, 2010.p.23.

compreender que Deus que ama seu filho pode deixá-lo morrer e de uma morte tão cruel.

Idealizamos o saber e projetamos para Deus, fazendo de Deus a onisciência total e absoluta do saber. Körner, afirma ainda, que “segundo essa idealização do saber é impossível que Deus possa ser crucificado. Muito pelo contrário, o saber absoluto é visto como garantia segura contra qualquer sofrimento e desprezo”¹⁶.

Neste contexto, é que para a comunidade de Corinto era mais fácil conceber um Deus glorioso anunciado por outros pregadores, esquecendo ou deixando de lado o Jesus Crucificado e ficando apenas a imagem de Jesus ressuscitado, glorioso. Por isso, afirma França: “A linguagem da cruz é expressão de loucura e contradição para um mundo acostumado com vitórias e conquistas”¹⁷.

Para Magrini, “olhar para a cruz e reconhecer que o crucificado é o Filho de Deus exige de cada um de nós uma verdadeira demonstração de fé, pois não é fácil entender essa forma estranha de Deus amar”¹⁸. Nós, seres humanos somos frágeis e complexos e diante desta realidade não conseguimos compreender os mistérios revelados. Deus parece impotente.

Körner, nos ajuda a compreender, que a fé no crucificado só pode ser autêntica na medida em que nos torna conscientes da realidade e é essa conscientização que leva a acabar com as diferenças que existe entre ricos e pobres, entre sábios e ignorantes. E ainda acrescenta que:

As divisões na comunidade, e na sociedade, acabam com a fé no crucificado. As divisões de todos os tipos aumentam na medida em que a cruz é negada. A cruz de Cristo revela a loucura humana de criar um deus segundo a própria imagem, bem como o escândalo de falar de um deus onipotente que, na verdade, é instrumento da onipotência humana¹⁹.

A causa da crucificação de Jesus, segundo Moltmann, foi por que: “Jesus foi loucura para os sábios, escândalo para piedosos e um perturbador para os poderosos. Por isso ele foi crucificado”²⁰. E assim ele se identifica com todos

¹⁶ KÖRNER, Konrad. *A loucura e o escândalo da cruz de Cristo na religião atual*. Revista de Cultura Teológica, São Paulo: v.15, n.58, p.41, jan/mar 2007.

¹⁷ FRANÇA, Ágda. *A cruz em Paulo: um sentido para o sofrimento*. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 53.

¹⁸ MAGRINI, Walter. *A cruz de Cristo: “loucura dos Homens, sabedoria de Deus”*. São Paulo: PUC-SP, 2012. p.25.

¹⁹ KÖRNER, Konrad. *A loucura e o escândalo da cruz de Cristo na religião atual*. Revista de Cultura Teológica, São Paulo: v.15, n.58, jan/mar 2007.p.41.

²⁰ MOLTMANN, Jürgen. *O Deus Crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2011. p. 44.

aqueles que sofrem, são oprimidos, abandonados, “afastados da sabedoria, piedade e poder político da sua sociedade”²¹. Moltmann, ainda destaca que a sabedoria, no contexto da sociedade da época de Jesus, estava ligada aqueles que dominavam o povo, e é esta sabedoria que crucifica Deus e crucifica os homens, mas a sabedoria de Deus “visa à glorificação dos fracos e crucificados”²².

3. A Cruz: símbolo de contradição

A cruz de Cristo não é só vista como escândalo e loucura. Ela é compreendida também como uma contradição. Barbosa coloca que a cruz “nada mais é que um sinal de contradição, entre o que é justo e injusto, entre o bem e o mal”²³. O mesmo autor vai destacar que a cruz em si mesma não possui um valor simbólico, mas adquiri o seu significado, seu sentido a partir das experiências humanas. Assim, “para os cristãos a cruz pode ser símbolo de sua fé, ou simplesmente um signo, ou um amuleto. Pode ser símbolo de luta, de um ideal a ser vivido e alcançado ou de simplesmente violência, tortura, atrocidade, barbaridade”²⁴. Mas a cruz, enquanto símbolo cristão nos envia ou remete para outra realidade. Ela é como uma lente que permite ver o que sem ela não se vê. “A cruz vai a uma só direção; a direção do Deus crucificado. Se ela vai em direção de Jesus, o Deus crucificado, ela chega até aos que estão para fora da realidade social, para os excluídos e marginalizados”²⁵.

Moltmann, também vai dizer que “a cruz na igreja simboliza uma contradição que vem para dentro dela diretamente da parte de Deus, que foi crucificado lá fora. Todo símbolo aponta para outro que está além de si”²⁶. Para Moltmann, todo símbolo nos leva a uma reflexão, a uma contemplação e a uma mudança de pensamento. Neste sentido, a cruz é um símbolo que nos remete a Deus e também:

Conduz para fora da igreja e do anelo religioso para dentro da comunhão com os oprimidos e perdidos. E no sentido reverso, ela é um símbolo que chama os

²¹ MOLTSMANN, Jurgen. *O Deus Crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2011. p. 44.

²² Ibidem.

²³ BARBOSA, Alex Durães. *Teologia da cruz: um olhar humano ao Deus Crucificado*. Anais do Congresso Estadual de Teologia, São Leopoldo: Est, v.2, 2016. p.365.

²⁴ Ibidem.

²⁵ Ibidem, p.366

²⁶ MOLTSMANN, Jurgen. *O Deus Crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2011. p. 62.

oprimidos e os ímpios para a igreja e, por meio dela, para a comunhão do Deus crucificado²⁷.

Temos uma tendência de “esvaziar o conteúdo da cruz, afogando-a na idolatria e no esquecimento ou simplesmente no vazio”²⁸. Quando esquecemos a contradição da cruz corremos o risco de torna-la um ídolo e ela não leva mais a reflexão. Deixando de ser um símbolo, a cruz pode se tornar um objeto de tortura.

Moltmann vai destacar que

a religião da Cruz é uma contradição em si mesma, pois o Deus crucificado é a contradição nesta religião. Suportar essa contradição significa despedir-se das tradições religiosas; significa libertar-se das necessidades religiosas; não proteger a própria identidade e receber, na fé, a identidade de Cristo; significa tornar-se anônimo e, para receber os direitos de cidadão na nova criação de Deus. Presentificar a cruz em nossa cultura significa praticar a liberdade experimentada do temor de si mesmo; significa não se acomodar nesta sociedade aos seus ídolos e tabus, temores e fetiches, mas, em nome daquele que no passado foi crucificado pela religião sociedade e Estado, se solidarizar com as vítimas atuais da religião, sociedade e Estado, fazendo-se como o Crucificado, irmão e libertador delas²⁹.

Por contrapor aos conceitos que tinham de Deus, muitos cristãos rejeitavam o Cristo Crucificado, mas “a cruz é algo intrínseco na fé cristã. A cruz é e sempre será o símbolo dos cristãos. A cruz é a perspectiva que o cristão não deve perder, pois, ela é a prova da realidade de tudo que dizemos sobre Deus e sobre a vida”³⁰. Na perspectiva da cruz, as palavras sobre Deus não são palavras vazias, com a cruz Deus uniu-se à realidade em todos os sentidos; “tanto na morte como na vida, e inclusive no sofrimento e na morte deste mundo, tão injusto, inumano e incompreensível”³¹. Por chegar a ser um humano, por confrontar e viver tudo o que a vida humana se depara e vive, pode-se crer que Deus está com a humanidade.

²⁷ MOLTSMANN, Jurgen. *O Deus Crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2011. p. 62.

²⁸ BARBOSA, Alex Durães. *Teologia da cruz: um olhar humano ao Deus Crucificado*. Anais do Congresso Estadual de Teologia, São Leopoldo: Est, v.2, 2016. p.366.

²⁹ MOLTSMANN, Jurgen. *O Deus Crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2011. p. 62-63.

³⁰ BARBOSA, Alex Durães. *Teologia da cruz: um olhar humano ao Deus Crucificado*. Anais do Congresso Estadual de Teologia, São Leopoldo: Est, v.2,2016.p.367.

³¹ Ibidem, p.368.

4. A cruz e a Trindade na ótica dos Padres da Igreja

Para entendermos a cruz em uma perspectiva trinitária é preciso compreender que a experiência da cruz passa pelo entendimento de uma cristologia pautada na Trindade e vice e versa, conforme a teologia dos Padres da Igreja. Para eles a Igreja nasce da cruz. “Desde a Igreja antiga, os cristãos se esforçam, sobretudo, nos concílios ecumênicos, para compreender as repercussões doutrinárias de Jesus e seus consequentes desdobramentos para a compreensão trinitária de Deus”³². Para Silva, o conhecimento da Trindade procede da história de Jesus, portanto, “a doutrina da Trindade pressupõe uma cristologia como premissa, uma vez que é a cristologia que faz necessário o conhecimento e o conceito do Deus Trino”³³. Neste sentido o autor destaca que “é a busca pelo único Deus, revelado em Jesus Cristo, sofredor e libertador, que ama a ponto de oferecer-se como sacrifício eterno de salvação”³⁴.

Para Padovese, a doutrina da Trindade “não é fruto de uma especulação sobre Deus, mas nasce antes da tentativa de reelaborar experiências históricas. Trata-se de manter a fé na divindade de Cristo e afirmar, ao mesmo tempo, a unidade de Deus”³⁵.

Para atestar teologicamente, recorda-se, que São Gregório Nazianzeno, na sua reflexão a cerca da teologia trinitária, destaca que Cristo se deixa conhecer mediante o seu amor e ele se expressa em uma oração assim: “um só Deus numa Trindade: é de três infinitos a infinita conaturalidade. Deus integralmente, cada um considerado em Si mesmo (...) Deus, os três considerados juntamente”³⁶. São Gregório Nazianzeno afirma que o Filho não perde a divindade ao encarnar-se e, assim, há em Jesus Cristo a plena humanidade e divindade. E é em Pentecostes que acontece “a plenitude da revelação trinitária”³⁷.

Tanto São Gregório de Nissa como São Leão Magno vão também afirmar que em Jesus há uma única pessoa com duas naturezas distintas e sem confusão: humana e divina. Para São Gregório de Nissa, “a carne existe no tempo e o verbo

³² SILVA, Francisco Arcanjo da. *A cruz como evento trinitário no pensamento de Jürgen Moltmann*. Dissertação (mestrado em Teologia Sistemática). São Paulo: PUC-SP, 2014. p.25.

³³ Ibidem.

³⁴ Ibidem, p.26.

³⁵ PADOVESE, Luigi. *Introdução a Teologia Patrística*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2004. p.61.

³⁶ BOGAZ, Antônio S. *Patrística – caminhos da tradição cristã*. São Paulo: Paulus, 2014.p.194.

³⁷ Ibidem.

sempre existiu (...). Cristo é o filho de Deus”³⁸. Assim destaca no seu pensamento sobre a Trindade que nela existe apenas “uma essência divina para três pessoas da Trindade. A distinção entre as pessoas se dá no interior da Trindade: o Espírito Santo procede do Pai, através do Filho”³⁹.

Os Padres da Igreja concebem a cruz de Cristo não como um momento da sua vida, mas ela perpassa toda a vida de Jesus, desde a encarnação até a sua ressurreição. A cruz aqui é entendida como uma Kénosis, abaixamento, esvaziamento. É Deus quem se humilha para fazer parte da nossa história, “Deus mesmo sofre com o sofrimento da humanidade; sofre com os oprimidos, (...) passa fome com os famintos, sofre a enfermidade dos enfermos. Pois, na cruz, Deus se redime a si mesmo, quando redime seu povo”⁴⁰.

Nesta linha, Boff, em sua teologia contemporânea, afirma que “a Trindade se entrega ao nosso conhecimento na vida e na prática de Jesus; não se trata de uma reflexão abstrata sobre as profundidades do mistério, mas de relações, atitudes e práticas desenvolvidas por Jesus”⁴¹. Isto é, Jesus nos revela a Trindade com sua vida, com sua paixão, com sua morte na cruz e na sua ressurreição.

Achega-se a Trindade pelas ações das divinas Pessoas: o Pai que envia o Filho e como referencia última de toda história; o Filho que fala e age em nome do Pai em favor dos homens, particularmente dos pobres e pecadores; o Espírito que nos leva a acolher o Filho e nos incita a adorar o Pai⁴².

Vemos nesta forma a Trindade manifestar-se em nossa história, em nossa realidade de uma forma concreta. Ela não está distante, como um mistério somente de contemplação onde você olha e observa, não fazendo parte daquilo que vivemos, mas “é mistério de transformação da vida humana, de irrupção de novas formas de vida, cada vez mais semelhantes àquela vida que se concretiza nos divinos Três”⁴³. Assim podemos dizer que “o Filho Unigênito, Jesus Cristo, é o único mediador entre Deus e os homens e aparece unido a Deus Pai também na obra criadora. O Espírito

³⁸ BOGAZ, Antônio S. *Patrística – caminhos da tradição cristã*. São Paulo: Paulus, 2014.p.195.

³⁹ Ibidem.

⁴⁰ BARBOSA, Alex Durães. *Teologia da cruz: um olhar humano ao Deus Crucificado*. Anais do Congresso Estadual de Teologia, São Leopoldo: Est, v.2,2016. p.364.

⁴¹ BOFF, Leonardo. *A Trindade e a sociedade*. 6ªed. Petrópolis: Vozes, 2014.p.162.

⁴² Ibidem,p.163.

⁴³ Ibidem.

Santo está intimamente unido ao Pai e ao Filho na realização da obra da salvadora”⁴⁴.

⁴⁴ SILVA, Francisco Arcanjo da. *A cruz como evento trinitário no pensamento de Jürgen Moltmann*. Dissertação (mestrado em Teologia Sistemática). São Paulo: PUC-SP, 2014. p.34.

CAPÍTULO II: A CRUZ COMO SINAL E REVELAÇÃO DA TRINDADE

1. O Deus que se revela na cruz

Para entendermos a cruz de Jesus é preciso olhar para o contexto em que ele viveu e como viveu nesta realidade. É importante conhecer a realidade em que viveu Jesus, pois o contexto tanto histórico, como cultural, econômico, social, político e religioso interferiu nas ações e escolhas de Jesus.

Ao contextualizarmos Jesus em um determinado tempo percebemos que Jesus assumiu a condição humana, pois viveu como um homem, fazendo parte de uma realidade em um determinado tempo. Foi uma pessoa como outras no contexto de seu tempo. Neste sentido é que Costa afirma que: “sua realidade pessoal está situada e inserida num contexto histórico bem preciso e determinado”⁴⁵. E é neste contexto histórico que Jesus encontra, nos diz Boff, “havia absolutizações que escravizavam o homem: absolutização da religião, da tradição e da lei”⁴⁶. Costa acrescenta também que: “Jesus será visto e considerado como um sujeito humano inserido numa história humana concreta”⁴⁷.

Foi influenciado pela sua realidade, mas também influenciou, agiu, interagiu na sociedade. Tudo isso será reflexo na forma de Jesus realizar sua missão. A sua forma de falar, de fazer, a linguagem que utiliza, as palavras, os gestos. Os ensinamentos de Jesus foram sendo construídos a partir da realidade, onde os valores que ele transmitia foram sendo vividos e assimilados pela sua inserção. “O ensinamento e a pregação de Jesus, realizados por palavra e por ação, estão situados e devem ser compreendidos na perspectiva da sua missão”⁴⁸, nos declara Costa.

Neste processo, de entender que Jesus viveu uma realidade concreta e desta realidade fez parte, entender como viveu sua vida, sua missão e a sua relação com o Pai, na oração pessoal e silenciosa, na intimidade com o pai, nos ajuda a

⁴⁵ COSTA, José de Anchieta Lima. *Conhecer Jesus: a cristologia ao alcance de todos*. São Paulo: Loyola, 2009.p.41.

⁴⁶ BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo – Paixão do mundo: o fato, as interpretações e o significado ontem e hoje*. Petrópolis: Vozes, 1977.p. 28.

⁴⁷ COSTA, José de Anchieta Lima. *Conhecer Jesus: a cristologia ao alcance de todos*. São Paulo: Loyola, 2009.p.41.

⁴⁸ *Ibidem*, p.74.

percebemos que a experiência de Jesus nos leva também ao Pai e a percebê-lo na nossa vida e que não é uma relação distante e alienada, mas concreta a partir da nossa realidade humana. Não podemos dissociar a vida de Jesus sem essa relação com o Pai. Essa relação é fundamental, pois é ela que nos faz compreender o ser de Jesus e assim o ser de Deus e o ser para Deus.

Jesus não anunciava a si mesmo, mas sua missão estava centrada no anúncio do Reino, “o centro e o conteúdo da mensagem de Jesus não é a sua pessoa em particular, mas o anúncio da chegada do Reino de Deus e da sua proximidade na vida do povo de Israel”⁴⁹, escreve Costa. Portanto, o centro de sua mensagem era o Reino e a sua prática estava intimamente ligada a este anúncio.

Este anúncio é boa notícia para aqueles que estavam à margem da sociedade: os pobres, doentes, excluídos. Boff acrescenta que: “a atitude de Jesus é de acolher a todos e fazê-los experimentar que não estão fora da salvação, mas Deus ama a todos até os ingratos e maus”⁵⁰. Lucas no seu evangelho vai nos confirmar isto: “pois ele é bom para com os ingratos e com os maus” (LC 6,35). E ainda: “o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19,10).

Por isso, “as palavras corajosas e o comportamento decidido de Jesus causavam incômodos para as classes dirigentes do povo que se sentiam profundamente ameaçadas e questionadas em suas decisões políticas e em suas práticas sociais”⁵¹, afirma Costa.

Segundo Moltmann,

A paixão de Jesus tem um aspecto exterior e um aspecto interior. No aspecto exterior situa-se a rejeição de Jesus por parte das classes dirigentes do seu povo, como blasfemo, e sua execução pelos romanos, como perturbador da ordem mundial romana. No seu aspecto interior, encontra-se o abandono por parte de Deus, que ele havia chamado “Abba, meu pai”, e cujo reino paterno anunciara aos pobres⁵².

Assim, podemos considerar que a morte de Jesus é uma consequência daquilo que viveu e ensinou. Por isso, afirma Boff: “Jesus não morreu de uma morte qualquer, ele foi condenado, não por causa de um mal entendido, mas por uma

⁴⁹ COSTA, José de Anchieta Lima. *Conhecer Jesus: a cristologia ao alcance de todos*. São Paulo: Loyola, 2009.p.77.

⁵⁰ BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo – Paixão do mundo: o fato, as interpretações e o significado ontem e hoje*. Petrópolis: Vozes, 1977.p.30.

⁵¹ COSTA, José de Anchieta Lima. *Conhecer Jesus: a cristologia ao alcance de todos*. São Paulo: Loyola, 2009.p.91.

⁵² MOLTSMANN, Jurgen. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: vozes, 2000.p.88.

atitude real, cotidiana, histórica”⁵³. Da mesma forma que Jesus viveu, também morreu, isto é, entregando a vida em favor dos outros. Vemos isso na sua ação de questionar os poderes religiosos, políticos e as questões sociais. A sua morte não foi uma morte natural, mas de uma forma violenta.

Jesus se coloca do lado daqueles que mais necessitam de compaixão e misericórdia. Ele se coloca ao lado da vida e se faz solidário com os mais sofridos. “Jesus morreu pelos motivos pelos quais todo profeta em todos os tempos morre: colocou os valores por ele pregados acima da própria conservação da vida”⁵⁴, sustenta Boff. Jesus quer encontrar saídas para mudar a situação de seu tempo e isso é perigoso, pois mexe com aqueles que detêm o poder. Colocando-se nesta posição Jesus é perseguido e condenado.

A morte de Jesus provocou de início nos seus seguidores uma frustração e um abalo na fé. Aparentemente foi um fracasso. Mas aos poucos os seus seguidores vão compreendendo o sentido da sua morte: “como consequência de sua entrega confiante ao Pai”⁵⁵. Vão perceber que a morte não é a última palavra sobre a sua vida e sua história. Se Deus ressuscitou Jesus, a ressurreição é elemento importante na compreensão do plano de Deus.

Compreenderam que a morte de Jesus tem uma significação universal. O sentido da morte de Jesus entendido pela comunidade primitiva só pode ser entendido dentro da história vivida por ele, a forma que assumiu e viveu o projeto de Deus. Esta compreensão só é possível à luz da ressurreição e da fé em Jesus.

A morte de Jesus mostra o verdadeiro sentido da sua vida e da sua missão. Assim, anuncia Costa: “Na sua paixão Jesus faz a experiência do total despojamento de si mesmo”⁵⁶ e mais: “para dar sentido a morte que se aproximava, Jesus se entrega livremente ao Pai e nele se abandona”⁵⁷. Por tudo isso não é possível separar a vida, a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus. Todos estes momentos Cristológicos, constituem o mistério de sua vida e é nesta perspectiva é que Costa confirma que: “Toda a história de Jesus é para ser concebida como redentora, não apenas a sua morte na cruz, mas também a sua vida, a paixão e a

⁵³ BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo – Paixão do mundo: o fato, as interpretações e o significado ontem e hoje*. Petrópolis: Vozes, 1977.p.35.

⁵⁴ Ibidem, p.36.

⁵⁵ COSTA, José de Anchieta Lima. *Conhecer Jesus: a cristologia ao alcance de todos*. São Paulo: Loyola, 2009.p.151.

⁵⁶ Ibidem, p.152.

⁵⁷ Ibidem.

ressurreição estão inseparavelmente unidas num único acontecimento chamado Jesus Cristo”⁵⁸. E Boff vai acrescentar que: “Cristo definiu o sentido de sua morte em termos de amor, doação, sacrifício livre, feito para os que o matavam e para todos os homens”⁵⁹.

2. O evento da Cruz: um evento Trinitário

No centro da nossa fé cristã encontra-se Cristo Crucificado e Ressuscitado. Por isso é que Moltmann vai dizer que “a identidade cristã só é compreendida como ato de identificação com o Cristo Crucificado e na medida em que a mensagem que chega a pessoa diz que Deus se identificou nele com os ímpios e com os abandonados”⁶⁰. Para Moltmann, é na cruz de Cristo que a teologia cristã encontra a sua identidade e é esta identificação que nos ajuda a manter viva a fé e a superar todos os medos, desejos negativos, alienações deste mundo e nos leva a solidariedade. É uma identificação com o Cristo Crucificado que se idêntica com todos aqueles que são oprimidos e marginalizados.

Moltmann ainda afirma que a:

Teologia cristã é teologia da cruz, quando ela, enquanto teologia cristã é identificável no Cristo. Mas a teologia da cruz é uma teoria crítico libertadora de Deus e do ser humano. A existência cristã no discipulado do Crucificado é uma práxis que transforma o próprio ser humano e as circunstâncias. Neste sentido a teologia da cruz é uma teoria prática⁶¹.

Moltmann vai dizer que é essencial ter hoje uma reflexão teológica que se concentre em compreender a essência de Deus a partir da sua morte e que é preciso ir além da soteriologia e nós perguntarmos qual o sentido da cruz de Cristo para o próprio Deus. É preciso compreender a cruz a partir da relação do Filho com o Pai. Isto quer dizer que a morte de Cristo na cruz vai além do sentido salvífico, pois envolve uma relação e neste sentido podemos compreender que a morte de Cristo afeta Deus. “Deus pessoalmente esta envolvido na história da paixão de Cristo, caso

⁵⁸ COSTA, José de Anchieta Lima. *Conhecer Jesus: a cristologia ao alcance de todos*. São Paulo: Loyola, 2009.p.155.

⁵⁹ BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo – Paixão do mundo: o fato, as interpretações e o significado ontem e hoje*. Petrópolis: Vozes, 1977.p.84.

⁶⁰ MOLTSMANN, Jürgen. *O Deus Crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2011. p. 38.

⁶¹ Ibidem, p.45.

contrário a morte de Cristo não poderia produzir nenhum efeito redentor”⁶². Assim, Moltmann compreende que a cruz de Cristo só pode ser entendida como teologia da Trindade, ou seja, há uma relação entre o Cristo Crucificado e a Trindade.

Moltmann cita Karl Barth, onde este, em sua reflexão explica que a entrega, a dor e a morte do Crucificado estão ligadas ao próprio Deus e encontra a plenitude das relações trinitárias na morte de Jesus. E, ainda acrescenta que é somente na relação com a ressurreição de Jesus que a teologia da cruz pode ser teologia e um conhecimento radical do abandono do Crucificado. Assim, diz Moltmann, “o Filho padece e morre na cruz. O Pai padece com ele, mas não da mesma maneira”⁶³. Assim sendo, Moltmann destaca que as três pessoas da Trindade são essenciais para a história da salvação e o ponto de convergência desta história é a cruz.

No evento da cruz, o Pai entrega o Filho, que sofre, morre e é separado do Pai. Entretanto, o Espírito os une durante essa ruptura na relação: “exprimindo isso trinitariamente: o Pai deixa o Filho sacrificar-se através do Espírito. O Pai é o amor, que crucifica; o Filho é o amor crucificado; o Espírito Santo é a força invencível da cruz. A cruz está colocada no centro da Trindade”⁶⁴. Moltmann acrescenta também que quanto mais se entende o evento da cruz como um evento de Deus, mais facilmente rompe-se com o conceito simples sobre Deus. Assim, “há uma mudança de posição: passa-se do exterior do mistério, chamado Deus, para o seu interior, que é trinitário. Essa é a revolução do conceito de Deus que o crucificado revela”⁶⁵.

Para Moltmann, a morte de Jesus é o centro da teologia cristã, no sentido de que todas as outras reflexões cristãs procedem e partem do Crucificado. Portanto o evento de Cristo na cruz é o evento de Deus. Inversamente, o evento de Deus é o evento na cruz do Ressuscitado. A “cruz e a ressurreição não ocupam o centro, mas, sim, a ressurreição do Crucificado, que qualifica sua morte por nós, e a cruz do Ressuscitado, que revela e torna a sua ressurreição dentre os mortos acessível aos mortais”⁶⁶.

⁶² MOLTSMANN, Jurgén. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2000.p.35.

⁶³ MOLTSMANN, Jurgén. *O Deus Crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2011. p. 251.

⁶⁴ MOLTSMANN, Jurgén. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2000.p.95.

⁶⁵ MOLTSMANN, Jurgén. *O Deus Crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2011. p.252.

⁶⁶ *Ibidem*, p.253.

Moltmann explica que a tradição cristológica compreendeu, a partir do hino Cristológico de Filipenses 2, que a humanização de Cristo passa pelo caminho da sua humilhação na cruz.

Ele, estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um Deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, a morte sobre uma cruz. Por isso Deus soberanamente o elevou e lhe conferiu o nome que está acima de todo nome, a fim de que ao nome de Jesus todo joelho se dobre e que toda língua proclame que o Senhor é Jesus Cristo para a glória de Deus Pai. (Fl 2,6-11)

Desta forma, “a encarnação do Logos se completa na cruz. A humanização é orientada a sua paixão. A missão de Jesus se cumpre no seu abandono na cruz”⁶⁷. Então, segundo Moltmann, não se pode falar da humanização de Deus sem falar da sua cruz. A encarnação esta ligada a cruz. Deus se tornou homem e “um homem que não queremos ser, ou seja, um rejeitado, um maldito, um crucificado”⁶⁸. No Cristo crucificado se reconhece a humanidade de Deus. E Moltmann afirma que:

Na humanização de Deus até a morte na cruz, não há, em ultima análise, um ocultamento de Deus, mas a sua humilhação, na qual ele está em si mesmo e com o homem desumanizado. A humilhação da morte na cruz corresponde à essência de Deus na contradição do abandono. Ao chamar o Jesus crucificado de imagem do Deus invisível, o que se quer dizer é: Isto é Deus e Deus é assim⁶⁹.

Desta forma, é que Moltmann vai completar que: “Deus não é maior do que o é nessa humilhação. Deus não é mais glorioso do que o é nessa entrega. Deus não é mais poderoso do que é nessa fragilidade. Deus não é mais divino do que o é nessa humanidade”⁷⁰. Toda a fundamentação da teologia cristã sobre Deus parte do evento de Cristo. “O evento de Cristo na cruz é o evento de Deus. Inversamente, o evento de Deus é o evento na cruz do Ressuscitado”⁷¹. Deus não fica somente na superficialidade, no que está externo, mas partiu de si mesmo e por isso sofreu. Por isso, é preciso pensar no evento de Cristo na cruz a partir da “totalidade da pessoa de Cristo e compreender a morte do Filho na sua relação com o Pai e o Espírito”⁷².

⁶⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *O Deus Crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2011. p.253.

⁶⁸ Ibidem.

⁶⁹ Ibidem.

⁷⁰ Ibidem, p.254.

⁷¹ Ibidem.

⁷² Ibidem.

Nesta mesma linha de pensamento, Forte compreende que “sem a cruz, o evento da ressurreição do Crucificado é inconcebível. Pode-se dizer que sem a cruz a ressurreição é vazia; como, de resto, sem a ressurreição a cruz é cega, sem futuro nem esperança”⁷³. Isto quer dizer que se compreende que a ressurreição é um evento trinitário, portanto a cruz também faz parte deste evento. Assim, a cruz é história trinitária de Deus, pois é história do Filho, do Pai e também do Espírito. Existe uma unidade nesta história, por isso não há possibilidade de separar a cruz e a ressurreição, são história trinitária. E, Forte completa dizendo que: “uno é o Deus trinitário que age na cruz e na ressurreição, uma a história trinitária de Deus, uno o desígnio de salvação que se realiza nos dois momentos”⁷⁴. Para Forte a morte de Cristo revela uma possibilidade de Deus morrer e de ser crucificado. Na cruz se revela a Trindade, o Pai que rejeita, o Filho que é abandonado e o Espírito como força com o qual acontece e se mantém na unidade. Nela se manifesta a “história do Filho, do Pai e do Espírito, a cruz é história trinitária de Deus”⁷⁵.

Moltmann diz que a obra do Filho é a obra da Trindade e não se pode separar essa realidade e é no evento da cruz que são reveladas as relações do Filho com o Pai e do Espírito, assim, acrescenta o mesmo autor que “a cruz está no meio do ser trinitário de Deus, separa e vincula as pessoas em suas relações umas com as outras e as mostra concretamente”⁷⁶. Neste sentido, também precisamos compreender que a “morte de Jesus não pode ser compreendida como morte de Deus, mas somente como a morte em Deus”⁷⁷. Por isso, é importante falar sobre as relações do Filho, do Pai e do Espírito, no sentido de entender o que contem a relação deles e nesta relação esta inserida a morte de Jesus e o sentido da sua divindade.

Portanto, a cruz é um profundo evento trinitário. Por meio dela o Pai abandona o Filho que se entrega a vontade do Pai pelo Espírito que acolhe em seu amor. O Filho sofre a morte essencialmente na angustia do abandono, não na morte em si. Na morte não se pode sofrer, uma vez que o sofrimento pressupõe a vida. Quem de fato sofre a dor infinita da morte do Filho é o Pai, pois este participa do

⁷³ FORTE, Bruno. *A trindade como História*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1987.p.33.

⁷⁴ Ibidem, p.40.

⁷⁵ Ibidem, p.37.

⁷⁶ MOLTSMANN, Jurgen. *O Deus Crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2011. p. 256.

⁷⁷ Ibidem.

sofrimento do Filho, porém, como Pai, e assim, de forma diferente. Para compreender o que ocorreu na cruz é preciso entendê-la trinitariamente.

3. O amor revelado na Cruz

Para Moltmann, a cruz de Cristo “é o sinal da unidade do amor a Deus e do amor ao mundo”⁷⁸. Nas palavras do evangelho de João diz que “Deus amou tanto o mundo, que entregou seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16).

Segundo Lain, toda a vida de Jesus foi uma vivência deste amor. Todas as suas ações, sua palavra e o seu modo de viver era uma manifestação do amor. Mas é na cruz que este amor se revela. “A cruz é o critério pelo qual se conhece o amor a Deus”⁷⁹. João vai dizer que é por este amor na cruz que conhecemos a Deus: “Nisto conhecemos o amor: ele deu sua vida por nós” (1Jo 3,16).

João Paulo II, neste sentido, vai acrescenta que é na Cruz que “Deus revelou-nos todo o seu amor”⁸⁰. E ainda coloca que na cruz, “resplandece o rosto glorioso do Ressuscitado, introduz-nos na plenitude da vida cristã e na perfeição do amor, porque revela a vontade de Deus de partilhar com os homens a sua vida, o seu amor e a sua santidade”⁸¹.

Para o Papa Francisco, Jesus viveu sobre o viés da misericórdia de Deus porque é pela misericórdia que o homem encontra Deus, a misericórdia é o caminho que nos leva para Deus. Ela também “nos abre o coração a esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado”⁸². Neste sentido, é que Jesus viveu “a sua paixão e morte, ciente do grande mistério de amor que se realizaria na cruz”⁸³. E acrescenta ainda que “com o olhar fixo em Jesus e no seu rosto misericordioso, podemos individuar o amor da Santíssima Trindade. A missão, que Jesus recebeu do Pai, foi a de revelar o mistério do amor divino na sua plenitude”⁸⁴.

⁷⁸ MOLTSMANN, Jurgem. *O Deus Crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2011. p.40.

⁷⁹ LAIN, Pedro. *O poder do escândalo*. São Paulo: Loyola, 1982. p.180.

⁸⁰ JOÃO PAULO II. *Mensagem do Papa João Paulo II para o dia missionário mundial*, 2002.

⁸¹ *Ibidem*.

⁸² FRANCISCO. *Misericordiae Vultus – o rosto da misericórdia*. Bula de proclamação do Jubileu extraordinário da Misericórdia. São Paulo: Paulinas, 2015. p.4.

⁸³ *Ibidem*, p.11.

⁸⁴ *Ibidem*.

Boff coloca que “Deus assume a cruz em solidariedade e amor com os crucificados, com aqueles que sofrem a cruz”⁸⁵. Neste sentido, é que Boff afirma que a cruz entrou na história do amor, sendo um sinal de solidariedade e revelação do amor, demonstrando a essência deste amor, pois para ele a essência do amor é estar para o outro, é estar no outro, na sua totalidade. Nesta perspectiva, “a cruz assumida realiza totalmente o homem, porque lhe confere a chance de amar de forma mais sublime. A cruz não é amor, nem fruto do amor. É o lugar onde se mostra o que pode o amor”⁸⁶. E ele ainda acrescenta que “dizer que Deus assumiu a cruz não deve significar uma magnificação da cruz nem sua eternização. Significa apenas o quanto Deus amou os sofredores”⁸⁷.

Desta forma, Moltmann afirma que a paixão histórica de Jesus revela a paixão eterna de Deus e assim ele descreve que:

O auto sacrifício do amor constitui a eterna essência de Deus. O sacrifício do amor também não é simplesmente uma reação divina em face do pecado do homem. Igualmente, não é nenhum gesto espontâneo da vontade divina, no sentido de que também poderia não ter ocorrido. Pois a cruz de Cristo não é nenhuma casualidade histórica, que poderia não ter-se verificado. Deus outra coisa não é senão amor. O gólgota, portanto, é a inevitável revelação da sua essência em um mundo penetrado pelo mal e pelo sofrimento⁸⁸.

Assim sendo, “Deus sacrifica-se eternamente, e nessa postura se contem toda a sua essência. Ele é o amante, o amado e o amor”⁸⁹. Forte destaca que o Pai é amor e ama o Filho e também ama a nós e é esse amor que o leva a entregar o Filho a morte. É este também o sentido da Primeira Carta de João que diz:

Aquele que não ama não conheceu a Deus, porque Deus é amor. Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou e enviou-nos seu filho como vítima de expiação pelos nossos pecados. E nós temos reconhecido o amor de Deus por nós, e nele cremos. Deus é amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele. (1Jo 4,8.10.16)

Para Forte, Deus é amor gratuito desde o sempre e o será para sempre. Ele é amor eternamente. Não tem necessidade ou motivo para amar. Ele ama. “O Pai é a

⁸⁵ BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo – Paixão do mundo: o fato, as interpretações e o significado ontem e hoje*. Petrópolis: Vozes, 1977.p.144.

⁸⁶ Ibidem.

⁸⁷ Ibidem.p.162.

⁸⁸ MOLTSMANN, Jurgen. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2000.p.46.

⁸⁹ Ibidem.

eterna proveniência do amor, aquele que ama na absoluta liberdade, desde sempre e para sempre livre no amor, o eterno amante na mais pura gratuidade do amor”⁹⁰. O Pai não ama de forma egoísta, mas é um amor fecundo, que gera. “Ele é amante e amado, Pai e Filho segundo a linguagem da fé cristã, na insondável unidade essencial do amor, na incancelável distinção daquele que amando gera e daquele que no amor é gerado”⁹¹.

Seguindo neste pensamento, Moltmann destaca que o amor é a capacidade de sair de si mesmo, de ir ao encontro do outro, participar da vida do outro e de se entregar ao outro por amor. “O amor deseja viver e dar a vida”⁹². Por isso no amor não há negação de si mesmo, mas uma entrega ao outro com liberdade. “Aquele que ama está totalmente no outro, que é por ele amado; mas está no outro, conservando plenamente sua identidade”⁹³. Outra característica do amor apresentada por Moltmann é que o amor não acontecesse em uma pessoa isolada, ele é auto comunicação e por isso Deus que é amor torna-se ao mesmo tempo o amante, o amado e o amor, isto é, ele ama, é amado e é o amor. Ele comunica o seu amor pelo simples prazer, porque esta é a essência de Deus.

Ele é amor sua existência é amor. No próprio Cristo ele se constitui como amor. Isso aconteceu na cruz. Esta definição: Deus é amor adquire seu peso pleno somente quando se tem constantemente presente o caminho que conduz a ele: o abandono de Deus na cruz, a entrega do Filho e o amor do Pai que tudo faz pelo homem perdido, tudo dá, tudo sofre. Deus é amor, isto é, Deus é entrega, isto é, Deus existe para nós: na cruz⁹⁴.

Para Forte, a única razão para Deus agir é o amor, este é o único motivo para a sua ação, pois Deus é amor. Ele é dom gratuito, pura caridade que se transborda somente pela alegria de amar. Assim, para Forte, reconhecer o Pai como princípio da criação é “reconhecer que o último motivo da existência do mundo é o amor e que por traz de tudo o que existe há mistério eterno de gratuidade irradiante”⁹⁵. E ele acrescentar que reconhecer Deus Pai como origem é confessar que a criação não é

⁹⁰ FORTE, Bruno. *A trindade como História*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1987.p.95.

⁹¹ Ibidem.

⁹² MOLTSMANN, Jurgem. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2000.p.70.

⁹³ Ibidem.

⁹⁴ MOLTSMANN, Jurgem. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*. Santo André: Academia Cristã, 2014.p.270.

⁹⁵ FORTE, Bruno. *Teologia da História: ensaio sobre a revelação, o início e a consumação*. São Paulo: Paulus, 1995.p.250.

fruto do acaso, mas é pura gratuidade que vem do amor. “É o amor que faz existir, no tempo e na eternidade”⁹⁶.

É neste amor que está fundamentada a nossa dependência em relação a Deus, mas não é uma dependência que escraviza, e sim uma dependência libertadora que vem do verdadeiro amor. E Forte acrescenta que: “o silêncio fecundo do amor que faz existir e, por isso mesmo, a própria dignidade e liberdade da criatura, objeto de puro amor, chamada pela liberdade para a liberdade”⁹⁷.

Bento XVI, na Encíclica, Deus é amor, diz que “o amor de Deus por nós é questão fundamental para a vida”⁹⁸. É um amor que leva a eternidade e compreende todas as dimensões do ser humano. Não é um amor dividido, mas completo, que abrange toda a existência. E ele ainda acrescenta que:

O amor apaixonado de Deus por seu povo, pelo homem, é ao mesmo tempo um amor que perdoa. E é tão grande que chega a virar Deus contra si próprio, seu amor contra a justiça. Nisso o cristão vê já esboçar-se veladamente o mistério da cruz: Deus ama tanto o homem que, tendo-se feito Ele próprio homem, segue-o até a morte e, desse modo, reconcilia justiça e amor⁹⁹.

E Bento XVI conclui este pensamento dizendo que o amor abrange todas as potencialidades do homem, ou seja, a sua totalidade. Reconhecer que Deus ama nos coloca no caminho para o amor e como todo caminho não está acabado, mas é um processo contínuo, que se transforma e amadurece ao longo da vida. Assim “a história do amor entre Deus e o homem consiste precisamente no fato de que a comunhão de vontade cresce em comunhão de pensamento e de sentimento e, assim, nosso querer e a vontade de Deus coincidem cada vez mais”¹⁰⁰.

O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, diz que ao confessar que o Pai nos ama infinitamente é descobrir que recebemos uma dignidade infinita. E ele continua dizendo que reconhecer que o Filho de Deus assumiu a nossa condição humana é confessar que toda pessoa “elevada até ao próprio coração de Deus. Confessar que Jesus deu o seu sangue por nós impede-

⁹⁶ FORTE, Bruno. *Teologia da História: ensaio sobre a revelação, o início e a consumação*. São Paulo: Paulus, 1995.p. 251.

⁹⁷ Ibidem.

⁹⁸ BENTO XVI. Carta Encíclica Deus é amor. São Paulo: Loyola, 2006. p.9.

⁹⁹ Ibidem, p.18.

¹⁰⁰ Ibidem, p.24-25.

nos de ter qualquer dúvida acerca do amor sem limites que enobrece todo ser humano”¹⁰¹.

Dizer que Deus é amor, é compreender trinitariamente que só existe amor quando há uma relação, quando existe um outro, quando este outro não se torna objeto ou sujeito de dominação ou manipulação. Deus é amor porque gera e doa-se ao outro por amor.

¹⁰¹ FRANCISCO. Exortação Apostólica: *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.p.106.

CAPITULO III

A SOLIDARIEDADE DE DEUS COM A HUMANIDADE

1. Deus se identifica com os sofredores e sofre a nossa dor

Partimos do preceito de que Deus é solidário com toda a humanidade e que ele assume como suas as dores de sua criação, identificando-se com todos os que sofrem. “Aquele que é misericordioso participa do sofrimento alheio, assume a dor do outro, sofre pelo outro”¹⁰², nos diz Moltmann. E acrescenta que “é a dor de Deus, que carrega o mundo enquanto suporta o seu agravo. É o sofrimento do Pai que ao entregar o seu próprio Filho assume o padecimento da redenção. É o sofrimento do Filho de Deus, que tomou sobre si os nossos pecados e as nossas fraquezas”¹⁰³.

Na história de Israel, vemos que Deus se faz solidário e jamais esquece o sofrimento deste seu povo. Ele acompanha em todos os caminhos da sua história, seja no Egito, no exílio, sofre com as perseguições de Israel, ou seja, em todos os momentos de dificuldades e sofrimento ele está presente e “compartilhar os sofrimentos de seu povo é a via que o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó encontra para compartilhar sua redenção”¹⁰⁴. Assim podemos dizer que “Deus participa do destino dos homens e faz o sofrimento do seu povo o seu próprio sofrimento”¹⁰⁵, ou seja, Deus está envolvido na história da humanidade, na história da Paixão de Cristo.

Desta forma, vemos que Ele não é um Deus passivo e por isso pode se dizer que está sujeito ao sofrimento. Mas, como expressa Moltmann, que Deus não está sujeito ao sofrimento da mesma forma que estão às criaturas que são finitas, “Deus não sofre como sofre a criatura, por carência de ser. Mas sofre em seu amor, que outra coisa não é senão a superabundância do seu ser”¹⁰⁶, “se ele tem a capacidade de amar a outro, então se abre ao sofrimento que lhe é proporcionado pelo amor desse outro, e coloca-se acima da dor que daí nasce, em virtude de seu amor”¹⁰⁷.

¹⁰² MOLTSMANN, Jurgen. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2000.p. 38.

¹⁰³ Ibidem.

¹⁰⁴ BINGEMER, Maria Clara L. *Como falar de Deus cinquenta anos depois do holocausto*. Revista de Cultura Teológica, São Paulo: n.15, p. 37, abr/jun 1996.

¹⁰⁵ ALMEIDA, Jorge Luiz de. *A cruz de Cristo e o sofrimento humano*. São Paulo:PUC-SP, 2009, p. 32.

¹⁰⁶ MOLTSMANN, Jurgen. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2000.p. 37.

¹⁰⁷ ALMEIDA, Jorge Luiz de. *A cruz de Cristo e o sofrimento humano*. São Paulo: PUC-SP, 2009, p.33.

Para Moltmann, “o sofrimento do amor não se refere apenas a ação redentora de Deus ao exterior dele próprio, mas também a comunidade trinitária no interior dela mesma”¹⁰⁸. Neste sentido, o sofrimento que está expresso externamente nasce e se fundamenta na dor do amor interno da Trindade. “Um Deus que não pode sofrer, também não pode amar. Um Deus que não pode amar, é um Deus morto. É mais pobre do que qualquer homem”¹⁰⁹, afirma Moltmann. Para ele

O Deus vivo é o Deus que ama. O Deus que ama comprova sua presença amorosa em seu sofrimento. Pois, Deus revela-se como sofredor a nós outros sofredores. Como padecente, espera a nossa compaixão, e, aos que sofrem, assegura a sua compaixão. Com o seu sofrimento, que não conhece fim, ele cobre toda dor¹¹⁰.

Diante disso, podemos afirmar que Deus participa da dor do mundo e sofre juntamente com todos. Esse Deus, que é amor, vai afirmar Moltmann, e que ama infinitamente todas as suas criaturas, sente dor e sentimento de perda pela morte de cada uma das suas criaturas. Desta forma, Deus se identifica com a nossa dor e a nossa identificação, enquanto cristão, somente é compreendida “como ato de identificação com o Cristo crucificado e na medida em que a mensagem que chega a pessoa diz que Deus se identificou nele com os ímpios e com os abandonados”¹¹¹.

De acordo com Moltmann, nossa identificação cristã com o Crucificado “significa ser solidário com o sofrimento dos pobres e com a miséria dos oprimidos e opressores”¹¹². Para Lain, Cristo foi profundamente solidário, se empenhou concretamente e foi fiel ao compromisso que assumiu com a humanidade. Por isso, somos convidados também a: “solidarizar-se e comprometer-se com os que são crucificados neste mundo”¹¹³.

A causa primeira de união do Crucificado é a união com o outro, e a solidariedade com aqueles, que se tornaram estranhos e foram feitos outros. E por causa desta identificação com o Crucificado, os cristãos devem revelá-lo. É somente na “forma prática de sua comunhão com os outros, ela pode testemunhar a respeito

¹⁰⁸ MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2000.p.38.

¹⁰⁹ Ibidem, p.52.

¹¹⁰ Ibidem.

¹¹¹ MOLTSMANN, Jürgen. *O Deus Crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2011. p. 38.

¹¹² Ibidem, p. 45.

¹¹³ LAIN, Pedro. *O poder do escândalo*. São Paulo: Loyola, 1982. p. 239.

do Crucificado e viver aquela justificação dos ímpios, na qual ela crê e da qual ela mesma vive”¹¹⁴.

2. A humanidade e a Cruz de Jesus

A cruz perpassa toda a nossa história. Ela já foi representada de diferentes formas assim como em diferentes reflexões e contextos. Ela deve estar sempre no nosso pensamento de maneiras novas e diferentes. Hoje, mais do que nunca, visualizamos tantas situações de sofrimento, mas, às vezes, nos tornamos insensíveis diante da dor de tantas pessoas. Vemos a dor, mas não nos solidarizamos com os sofredores, queremos que ela esteja bem distante de nós. Por isso é muito difícil hoje olhar para a cruz e trazê-la para a nossa realidade. É melhor olhar e rezar para um Cristo Crucificado distante de nós. Que não faz parte da realidade.

Grün diz que “a cruz nos lembra da história da paixão de nossos tempos. Mas, simultaneamente, ela traz esperança para o sofrimento, porque foi superada na morte de Jesus na cruz”¹¹⁵. E ainda acrescenta que: “a cruz é um sinal de esperança de que também o sofrimento pode ser mudado”¹¹⁶. Para ele, a cruz mostra que os pobres e sofredores não são esquecidos por Deus, que Deus olha para cada um e para o seu sofrimento da mesma maneira que olhou para o seu Filho na cruz.

Embora as representações da Cruz enfatizem o sofrimento de Jesus, “ela nos lembra de que não devemos fechar os olhos diante do sofrimento de nosso mundo”¹¹⁷. Grün também vai destacar que não se trata somente do sofrimento dos outros, mas a “cruz nos coloca também diante dos olhos que o sofrimento faz parte da nossa própria vida”¹¹⁸. Na sua reflexão, ele coloca que as pessoas encontram na cruz a certeza que não estão sozinhas na sua dor. Ela é a certeza de que Deus caminha conosco.

A cruz nos convida a aceitar com gratidão o que Deus nos deu. E ela nos mostra ao mesmo tempo em que luz e trevas, felicidade e sofrimento, sucesso e fracasso, alegria e tristeza fazem parte de nossa vida. Podemos viver verdadeiramente como

¹¹⁴ MOLTSMANN, Jürgen. *O Deus Crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2011, p. 50.

¹¹⁵ GRUN, Anselm. *A cruz: a imagem do ser humano redimido*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 98.

¹¹⁶ Ibidem, p. 99.

¹¹⁷ Ibidem, p. 102.

¹¹⁸ Ibidem.

seres humanos apenas quando dizemos sim também ao sofrimento que nos atingirá em algum momento. Quando acreditamos que também ele faz parte de nossa vida, podemos lidar melhor com ele¹¹⁹.

A cruz, portanto, nos ajuda a viver e aceitar melhor o sofrimento e a compreender que não existe um mundo sem o sofrimento, o mundo não está imune da dor. O sofrimento faz parte assim como as alegrias, vitórias, derrotas e tristezas. A cruz tem esta função de nos ajudar a lembrar de que somos humanos e o grande mistério que nos envolve enquanto pessoas. “A cruz é a imagem da humanidade autêntica. E esse humanismo cristão é algo que precisamos hoje com extrema urgência”¹²⁰.

A cruz nos leva para a realidade, nos coloca em contato com tudo o que nos acontece. Não nos tira do mundo, mas nos ajuda a enfrentar as situações, adversidades e acontecimentos da nossa vida. Ela não só nos mostra a salvação como também nos indica o caminho para chegar lá. Esse caminho não é uma linha reta, mas tem altos e baixos, luzes e treva. Por isso que é:

Somente quando aceitamos que Deus o cruze e nos contrarie dia após dia, que ele nos tire dos trilhos, estamos no verdadeiro caminho para Deus, no caminho da cruz que nos abre cada vez mais para Deus e para as pessoas, no caminho do amor em que permitimos ser tocados pelas pessoas e assim machucados por elas, até que o amor de Deus possa penetrar através dessas feridas e possa nos transformar e curar¹²¹.

Para Grün, a cruz nos coloca de frente com a morte e é somente assim que podemos aprender a viver como humanos no sentido de que nos convida a viver o momento presente saboreando o mistério da vida. A morte nos convida e desafia a nos abrir para o momento presente e assim levá-lo a sério. “Em face da morte, com a qual a cruz nos confronta cada dia, deveríamos verificar o que queremos irradiar para este mundo, se sai de nós uma irradiação sanadora e iluminadora ou, antes, uma que ofende e escurece”¹²².

Estamos sujeitos a vulnerabilidade, faz parte do ser humano. Isto inclui a possibilidade de sermos machucados, feridos, magoados. Quando nos fechamos em nosso casulo também nos fechamos para a possibilidade de amar e sermos

¹¹⁹ GRUN, Anselm. *A cruz: a imagem do ser humano redimido*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 102-103.

¹²⁰ Ibidem, p. 105.

¹²¹ Ibidem, p. 108.

¹²² Ibidem, p. 109.

amados. “O amor verdadeiro inclui a disposição de ser machucado”¹²³. A cruz nos ajuda a abrir-se para o outro, a sofrer junto. “A cruz é uma advertência constante de sofrer juntamente com os outros em vez de fazê-los sofrer, de permitir ser ferido em vez de ferir os outros”¹²⁴.

A cruz também é sinal do seguimento, pois quem quer seguir o Cristo é preciso que “renuncie a si mesmo, tome sua cruz cada dia e siga-me” (Lc 9,23). Isto quer dizer que devemos assumir tudo aquilo que encontramos em nosso caminho: alegrias e sofrimentos. Não é a busca do sofrimento pelo sofrimento, mas quando ele bate a nossa porta devemos assumi-lo sem fazer masoquismo.

O seguimento da cruz significa que o mundo está crucificado para nós, que o mundo já não tem poder sobre nós, que não nos definimos com base na busca de poder, vanglória, riqueza ou comodidade, mas que vivemos a partir de uma outra realidade, a partir da realidade do amor que o Cristo crucificado nos coloca diante dos olhos de maneira inédita¹²⁵.

João Paulo II ressalta que a Cruz de Cristo é a revelação da misericórdia de Deus e que ela é tudo aquilo que se opõe ao verdadeiro sentido do amor, ela se opõe ao pecado e a morte. “A Cruz é o modo mais profundo de a divindade se debruçar sobre a humanidade”¹²⁶. Também evidencia que a “cruz é como um toque do amor eterno nas feridas mais dolorosas da existência terrena do homem”¹²⁷. Para João Paulo II, o mistério pascal, nos ajuda a perceber as raízes do mal e a superar todas as suas barreiras. Somente com o amor misericordioso se vencerá todo sofrimento, todo mal, mas este amor não é “apenas ato de solidariedade para com o Filho do homem que sofre, mas também de certo modo, uma forma de misericórdia, manifestada a cada um de nós para com o Filho do Eterno Pai”¹²⁸. Por isso “crer no Filho crucificado significa crer que o amor está presente no mundo e que este amor é mais forte do que toda espécie de mal em que o homem, a humanidade e o mundo estão envolvidos. Crer neste amor significa acreditar na misericórdia”¹²⁹.

¹²³ GRUN, Anselm. *A cruz: a imagem do ser humano redimido*. São Paulo: Paulus, 2009.p. 110.

¹²⁴ Ibidem.

¹²⁵ Ibidem, p.110-111

¹²⁶ JOÃO PAULO II. Carta Encíclica: *Dives in misericordia*. São Paulo: Paulinas, 1980.p. 40.

¹²⁷ Ibidem.

¹²⁸ Ibidem, p.42.

¹²⁹ Ibidem, p.38.

3. As cruzes de hoje

Para falar das cruzes no mundo de hoje é preciso ter um olhar a partir da realidade do povo e ver na sua história a identificação dessas pessoas com o sofrimento presente na cruz do Cristo Crucificado. Olhando para o Crucificado encontram suas próprias dores, se identificam, se enxergam. Mas “a cruz não é apenas um consolo para seus sofrimentos. Ela é sinal de vida nova, regeneração, superação de dificuldades. É um lançar para frente”¹³⁰.

França coloca que a morte de cruz não foi um acidente, teve uma violência que foi autorizada e institucionalizada por alguém. “Assim, se há vítimas, há também os que infligem tal sorte ou contribuem com isso”¹³¹. A mesma autora acrescenta também que “existe toda uma estrutura produtora de pobreza; de modo particular a situação dos idosos e das crianças é a que mais clama por justiça, pois estes não fazem parte do bloco produtivo”¹³².

É no pobre, de maneira privilegiada, que encontramos a presença de Cristo e Cristo Crucificado. Mas não é só isso, pois toda a vida de Jesus foi de solidariedade com aqueles mais vulneráveis. Ele próprio vivenciou esta realidade vivendo com sua família uma vida pobre. Moltmann, destaca que “o Crucificado tornou-se irmão dos desprezados, abandonados e oprimidos e, por isso, a fraternidade com seus pequenos irmãos está obrigatoriamente ligada com a fraternidade e identificação com Cristo”¹³³.

O documento de Puebla faz um forte apelo de que a: “situação de extrema pobreza generalizada adquire, na vida real, feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor que nos questiona e interpela”¹³⁴. Em seguida o documento apresenta quais são estes rostos que configuram com Cristo. São as feições:

De crianças, golpeadas pela pobreza ainda antes de nascer, impedidas que estão de realizar-se, por causa de deficiências mentais e corporais irreparáveis, que as acompanharão por toda a vida; crianças abandonadas e muitas vezes exploradas de nossas cidades, resultado da pobreza e da desorganização moral da família; feições de jovens, desorientados por não encontrarem seu lugar na sociedade e frustrados,

¹³⁰ FRANÇA, Ágda. *A cruz em Paulo: um sentido para o sofrimento*. São Paulo: Paulinas, 2010.p. 70.

¹³¹ Ibidem.

¹³² Ibidem.

¹³³ MOLTSMANN, Jurgen. *O Deus Crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2011.p. 44.

¹³⁴ CELAM. Documento de Puebla. São Paulo: Loyola, 1982.p. 99.

sobretudo nas zonas rurais e urbanas marginalizadas, por falta de oportunidades de capacitação e de ocupação; feições de indígenas e, com frequência, também de afro-americanos, que, vivendo segregados e em situações desumanas, podem ser considerados como os mais pobres dentre os pobres; feições de camponeses, que, como grupo social, vivem relegados em quase todo o nosso continente, sem terra, em situação de dependência interna e externa, submetidos a sistemas de comércio que os enganam e os exploram; feições de operários, com frequência mal remunerados, que têm dificuldade de se organizar e defender os próprios direitos; feições de subempregados e desempregados, despedidos pelas duras exigências das crises econômicas e, muitas vezes, de modelos desenvolvimentistas que submetem os trabalhadores e suas famílias a frios cálculos econômicos; feições de marginalizados e amontoados das nossas cidades, sofrendo o duplo impacto da carência dos bens materiais e da ostentação da riqueza de outros setores sociais; feições de anciãos cada dia mais numerosos, frequentemente postos à margem da sociedade do progresso, que prescinde das pessoas que não produzem¹³⁵.

O documento de Aparecida também apresenta estes rostos marcados pelo sofrimento e que é a fisionomia da Igreja na América Latina hoje. Para Aparecida, “Jesus Cristo é o rosto humano de Deus e o rosto divino do homem”¹³⁶. E todos nós somos “chamados a contemplar, nos rostos sofredores de nossos irmãos, o rosto de Cristo que nos chama a servi-lo”¹³⁷. E é desta contemplação e deste serviço que “nasce também a solidariedade como atitude permanente de encontro, irmandade e serviço”¹³⁸. É a solidariedade que se manifesta em opções, gestos e atitudes concretas, principalmente na defesa da vida e dos direitos dos mais vulneráveis e excluídos.

O documento ainda ressalta que a “globalização faz emergir, em nossos povos, novos rostos pobres”¹³⁹. E nos pede que tenhamos fixo

Nosso olhar nos rostos dos novos excluídos: os migrantes, as vítimas da violência, os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, os desaparecidos, os enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, os toxicod dependentes, idosos, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou do trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grande grupo de desempregados, os excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, agricultores sem terra e os trabalhadores das minas¹⁴⁰.

¹³⁵ CELAM. *Documento de Puebla*. São Paulo: Loyola, 1982.p. 99-100.

¹³⁶ CELAM. *Documento de Aparecida*. Brasília: CNBB; Paulus; Paulinas, 2009.p. 177.

¹³⁷ Ibidem, p.178.

¹³⁸ Ibidem.

¹³⁹ Ibidem,p.181.

¹⁴⁰ Ibidem.

Assim, assumir a cruz de Jesus é “assumi-la como sendo a cruz do pobre”¹⁴¹. Esses pobres, que são identificados com o Cristo Crucificado, nos ajudam e nos evangelizam. Contudo, olhamos para a cruz e observamos para onde ela aponta nos diz Lain. Ela “aponta a cruz e vislumbra o fato maior para o qual todo homem é chamado: a ressurreição. A cruz quando assumida de verdade, ou levada a sério, é capaz de orientar a ação humana segundo os critérios evangélicos”¹⁴².

Entretanto, hoje é necessário, discernir quais são as novas formas em que se manifestam a pobreza e quais são as possíveis soluções. O Papa Francisco acentua que “deriva da nossa fé em Cristo, que se fez pobre e sempre se aproximou dos pobres e marginalizados, a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade”¹⁴³. Portanto é nossa responsabilidade sermos instrumentos de promoção, de solidariedade, assim como o foi Jesus, para com aqueles que são menos favorecidos e ajudá-los a se integrar na sociedade.

O Papa Francisco, ainda diz que é preciso estar com os ouvidos abertos para escutar o clamor dos pobres e ouvir o pedido que Jesus fez aos seus discípulos: “Dai-lhes vós mesmo de comer” (Mc 6,37), pedido este “que envolve tanto a cooperação para resolver as causas estruturais da pobreza e promover o desenvolvimento integral dos pobres, como gestos mais simples e diários de solidariedade para com as misérias muito concretas que encontramos”¹⁴⁴.

A Conferência dos Bispos do Brasil destaca algumas dessas misérias que se encontram no nosso país e pela qual querem ouvir o clamor e assumir, como destaca no documento:

Desejamos assumir, a cada dia, as alegrias e esperanças, as angustias e tristezas do povo brasileiro, especialmente das populações das periferias urbanas e das zonas rurais – sem terra, sem teto, sem pão, sem saúde – lesadas em seus direitos. Vendo as suas misérias, ouvindo os seus clamores e conhecendo o seu sofrimento, escandaliza-nos o fato de saber que existe alimento suficiente para todos e que a fome se deve a má repartição dos bens e da renda¹⁴⁵.

O Papa Francisco ressalta que não é somente garantir que todos tenham o alimento para o sustento, isto é importante, mas não é somente a comida. O sonho

¹⁴¹ LAIN, Pedro. O poder do escândalo. São Paulo: Loyola, 1982.p. 213.

¹⁴² LAIN, Pedro. O poder do escândalo. São Paulo: Loyola, 1982.p. 214.

¹⁴³ FRANCISCO. Exortação Apostólica: *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.p.111.

¹⁴⁴ Ibidem, p.112.

¹⁴⁵ CNBB. Exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome. São Paulo: Paulinas, 2002.p.2.

deve voar mais alto. É importante também a “educação, acesso aos cuidados de saúde e especialmente trabalho, porque no trabalho livre, criativo, participativo e solidário, o ser humano exprime e engrandece a dignidade da sua vida”¹⁴⁶.

O Papa, ao falar da opção da Igreja pelos pobres, destaca que seu desejo é que a Igreja seja pobre para os pobres, pois este tem muito a nos ensinar. “Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles”¹⁴⁷. E ele acrescenta ainda que a nova evangelização deve colocá-los no centro da vida da Igreja e que nós “somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causa, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles”¹⁴⁸.

¹⁴⁶ FRANCISCO. Exortação Apostólica: *Evangelli Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.p. 114.

¹⁴⁷ *Ibidem*, p.118

¹⁴⁸ *Ibidem*.

CONCLUSÃO

Ao contemplarmos tantos rostos que ainda hoje são marcados pelo sofrimento, pelo abandono, pela exclusão, contemplamos o rosto de Jesus Crucificado. Jesus é o Crucificado que se identifica com a humanidade marcada pela violência, pela opressão e pela miséria. Ele é um sinal de esperança, de boa nova em meio a tantos desafios. Ao assumir a cruz ele se coloca ao lado dos marginalizados da história.

A cruz é a revelação da misericórdia do Pai que entrega seu Filho por amor. É o Deus do *Manikós Eros*. Ele sofre e sente a dor da sua criação que “geme e sofre as dores de parto até o presente” (Rm 8,22). A morte de Jesus só é entendida quando compreendemos que toda a sua vida foi uma entrega ao Pai. Ele abandona-se nos braços do Pai em atitude de fidelidade e obediência. Sua cruz só tem sentido quando compreendemos que toda a sua vida, a sua missão foi vivida e assumida em prol do Reino, ela é a expressão máxima do amor de Deus, e só chegamos a está compreensão a luz da Ressurreição.

A cruz de Cristo está ligada ao próprio Deus, está no coração da Trindade. Ela brota do amor incriado de Deus. A cruz é história da Trindade, pois é história do Filho, do Pai e do Espírito, em seu amor com a humanidade. O Pai entrega o Filho, o Filho se entrega e o Espírito é a força que acolhe e mantém a unidade, como afirma Forte em seus escritos.

A cruz é sinal da solidariedade e do amor de Deus pela humanidade. Um amor que é misericordioso, um amor sem limite. Amor que é maior que nosso pecado, que nos consola, perdoa e devolve a esperança. A cruz não é o amor em si mesmo, mas onde se revela o amor, a entrega. Significa o quando Deus nos ama e é capaz de sair de si para ir ao encontro do outro que somos nós. Essa é a essência de Deus: amor. Ele simplesmente ama sem esperar nada por isso. E para viver o amor é necessária uma relação, onde há um outro, e esse amor só é possível em uma compreensão trinitária, onde nesta relação não há interesses de dominação ou manipulação, mas uma relação verdadeira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Jorge Luiz de. *A cruz de Cristo e o sofrimento humano*. Monografia (bacharel em Teologia). São Paulo: PUC-SP, 2009.
- BOGAZ, Antônio S.; COUTO, Márcio A.; HANSEN, João H. *Patrística – caminhos da tradição Cristã: textos, contextos e espiritualidade da tradição dos padres da Igreja antiga, nos caminhos de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Paulus, 2014.
- BARBOSA, Alex Durães. *Teologia da cruz: um olhar humano ao Deus Crucificado*. Anais do Congresso Estadual de Teologia, São Leopoldo: Est, v.2, 2016. p.362-375.
- BARREIRO, Álvaro. *A paixão de Jesus Cristo: escândalo, loucura ou revelação do amor de Deus?* São Paulo: Loyola, 2010.
- BENTO XVI. Carta Encíclica *Deus é amor*. São Paulo: Loyola; Paulus, 2006.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. 4ª ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- BINGEMER, Maria Clara L. *Como falar de Deus cinquenta anos depois do holocausto*. Revista de Cultura Teológica, São Paulo: n.15, abr/jun 1996.
- BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo – Paixão do mundo: o fato, as interpretações e o significado ontem e hoje*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. *A Trindade e a sociedade*. 6ªed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BORTOLINI, José. *Como ler a primeira carta aos Coríntios: superar os conflitos em comunidade*. São Paulo: Paulus, 1992.
- CELAM. Documento de Puebla. São Paulo: Loyola, 1982.
- _____. *Documento de Aparecida*. Brasília: CNBB; Paulus; Paulinas, 2009.
- CNBB. *Exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome*. Nº 69. São Paulo: Paulinas, 2002.

COSTA, José de Anchieta Lima. *Conhecer Jesus: a cristologia ao alcance de todos*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2009.

FRANCISCO. Exortação Apostólica: *Evangelli Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

_____, *Misericordiae Vultus* – o rosto da misericórdia. Bula de proclamação do Jubileu extraordinário da Misericórdia. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANÇA, Ágda. *A cruz em Paulo: um sentido para o sofrimento*. São Paulo: Paulinas, 2010.

FORTE, Bruno. *A trindade como História*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. *Teologia da História: ensaio sobre a revelação, o início e a consumação*. São Paulo: Paulus, 1995.

GRUN, Anselm. *A cruz: a imagem do ser humano redimido*. São Paulo: Paulus, 2009.

JOÃO PAULO II. Carta Encíclica: *Dives in misericordia*. São Paulo: Paulinas, 1980.

_____. Mensagem do Papa João Paulo II para o dia missionário mundial, 2002. Disponível em <w2.vatican.va/content/html>. Acessado em 27 de abril de 2017.

KÖRNER, Konrad. *A loucura e o escândalo da cruz de Cristo na religião atual*. Revista de Cultura Teológica, São Paulo: v.15, n.58, jan/mar 2007.

LAIN, Pedro. *O poder do escândalo*. São Paulo: Loyola, 1982.

MAGRINI, Walter. *A cruz de Cristo: "loucura dos Homens, sabedoria de Deus"*. Monografia (bacharel em Teologia). São Paulo: PUC-SP, 2012.

MOLTMANN, Jurgen. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*. Santo André: Academia Cristã, 2014.

_____. *O Deus Crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2011.

_____. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Petrópolis, 2000.

PADOVESE, Luigi. *Introdução a Teologia Patrística*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.

SILVA, Francisco Arcanjo da. *A cruz como evento trinitário no pensamento de Jürgen Moltmann*. Dissertação (mestrado em Teologia Sistemática). São Paulo: PUC-SP, 2014.